

Luz e Sombra em Mensagem de Fernando Pessoa Light and Shadow in Message by Fernando Pessoa



Ana Filipa Correia Matos

Agrupamento de escolas Abade de Baçal - Bragança
ana-filip@hotmail.com

Diana Patrícia Pinto Malhão

Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança
dinimalhão@hotmail.com

Prof. Luísa Diz Lopes

Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança
luisa.dizlopes@gmail.com

Resumo

A Mensagem de Fernando Pessoa é uma obra marcada por uma forte riqueza simbólica e com inesgotáveis potencialidades interpretativas. Neste caso, analisou-se o contraste luz/sombra, considerando-se que o Quinto Império é anunciado como teatro do dia claro e o sebastianismo que percorre a obra é mistério e nevoeiro. Observado o valor simbólico que pode ser atribuído a estes termos e analisadas as ocorrências de vocábulos que remetem para eles, concluiu-se que existe um elevado número de ocorrências de vocábulos associados à luz e que esta se relaciona com o heroísmo, o conhecimento e o Quinto Império. A sombra que atravessa a obra remete para o desconhecido, o perigo e, também, para o que, estando oculto, pode ser desvendado. Associa-se, deste modo, ao mito sebástico.

Palavras-chave: *Luz, sombra, simbologia, Mensagem, Sebastianismo, Quinto Império*

Abstract

The Message by Fernando Pessoa is a work marked by a strong symbolic richness and inexhaustible potential interpretations. In this case, we have looked upon the contrast light / shadow, once that the Fifth Empire it announce will be the stage of daycourse and Sebastianism represents mystery and fog. Having in mind the symbolic value that could be attributed to these terms, and analyzed the occurrence of words that are relate to them, we conclude that the number of occurrences of words associated with the light is higher and that this may be related to the heroism, the knowledge and the Fifth Empire, while the shadow refers to the unknown, the danger, but also to what, being hidden, can be solved by joining to the sebastian myth.

Keywords: *Light, shadow, symbology, Message, Sebastianism, Fifth Empire*

Sobre o(s) autor(es)

Ana Matos (17 anos) - O que gostava mesmo de fazer era de mudar constantemente de lugar, ou seja, viajar para diferentes países e permanecer lá o tempo suficiente para conhecer e se inserir na cultura. Não gostaria de ter uma profissão rotineira e que a fizesse sentir “presa”. Gosta de arte, artesanato e de reciclar coisas antigas.

Diana Malhão (18 anos) - Está convicta que quer seguir medicina mas continua indecisa quanto à escolha da especialização posterior ao curso. Para além da saúde as crianças também despertam o seu interesse. Gosta de dedicar algum do seu tempo à música, leitura, escrita, gastronomia e desporto.

INTRODUÇÃO

Fernando Pessoa acreditava que era possível “mover o homem através da matéria-poesia”, como o desmembramento do título de uma das suas obras, proposto pelo autor, aponta (Mens-ag[li]t-mol[li]em), e que, através do sonho, se poderia construir um império perfeito e espiritual que teria como finalidade a construção da paz universal. Assim nasceu Mensagem, o seu único livro publicado em vida, uma obra épico-lírica que emerge numa época de crise de valores e de identidade e que evidencia a necessidade de recuperar a imagem gloriosa do país. Exaltando os heroicos feitos e reeditando a força do mito, era possível a realização do desejado Quinto Império, anunciado pelo supra-Camões (Pessoa, 1980, p. 15). Este seria um império português, civilizacional e universal dominado pela paz (Pax in excelsis – Epígrafe da terceira parte da Mensagem), possível pela conjugação de duas vontades: a do homem e a divina, Deus quer, o homem sonha, a obra nasce (“Infante”).

Esta vontade superior alicerça-se no mito, sobretudo no sebástico, que, segundo Veríssimo (2000, p. 124), é um mito, nacional, convocado em momentos de crise. Pessoa apresenta, então, o sebastianismo como um mito messiânico e realça a distinção entre o D. Sebastião histórico, aquele “que houve”, e o que vive na lenda que fecunda a realidade – “o que há” (ibid, ibidem). Neste está depositada a esperança de regresso de um Salvador, oculto entre sombras e nevoeiro, que libertará o povo e permitirá que o sonho do Quinto Império se cumpra.

Que significa, então, essa sombra? Se, por um lado, representa a própria imagem das coisas fugidias, irreais e mutáveis, como se refere no dicionário de símbolos (Chevalien & Gheerbrant, 1982), por outro, indica, ainda que remotamente, a existência ou a possibilidade de algo (Houaiss & Villar, 2002), funcionando como um indício ou sinal. Num sentido mais abrangente, a sombra simboliza a ausência de conhecimento, de cultura, de instrução, de liberdade e de justiça (Houaiss & Villar, 2002), indicando um caminho de ignorância, tristeza, preocupação e anonimato. Contudo, é também nela que surge a espontaneidade, a criatividade e as emoções mais fortes, essenciais ao desenvolvimento do ser humano.

Luz, paz e clareza são termos que podem ser associados ao outro mito, o do Quinto Império, a terra será teatro do dia claro/madrugada do Quinto Império (“Quinto Império”), o da paz universal, que pressupõe o regresso do desejado Messias (Veríssimo, 2000).

A luz caracteriza as ideias que iluminam a mente, a intuição da verdade (Houaiss & Villar, 2002), a felicidade, a salvação, o esclarecimento, a elucidação e o conhecimento. Este elemento é frequentemente percebido como uma iluminação espiritual proveniente de um atributo divino que encarna a verdade suprema (idem), conferindo um carácter de clareza e certeza ao espírito. Assim, tal como todos os símbolos, a sombra e a luz representam aquilo que, por um princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo (idem, 2002). Um símbolo é aquilo que, num contexto cultural, possui valor evocativo, mágico ou místico e que se torna representativo de determinado comportamento (idem, 2002).

71

Luz e sombra em Mensagem

Para compreender melhor o modo como esses vocábulos surgem ao longo da Mensagem, foi efetuado o seu levantamento e seguidamente foram agrupados por classes de palavras (Anexo). Constatou-se que existe um predomínio da luz sobre a sombra, já que foram contados sessenta vocábulos que remetem para a primeira e quarenta e um para a segunda.

A ideia de luz surge ao longo da obra associada a diversos elementos, consoante a parte da obra em que é referida. Na primeira, designada por Brasão, a simbologia de luz aparece dezasseis vezes, sendo que está maioritariamente associada a elementos de virtude e de bravura militar, a luz do gládio erguido, (“D. Fernando”) “Ergue a luz da tua espada” (“Nun’Álvares Pereira”) e “Em seu trono entre o brilho das esferas” (“O Infante D. Henrique”), e, como uma iluminação divina que define os escolhidos, ilumina o seu caminho conferindo-lhes esperança e fé de modo a suportar o peso dos sacrifícios, como no poema “D. Fernando” (Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me/A fronte com o olhar).

Viriato, D. Duarte, D. Fernando, D. Pedro e Nun’Álvares Pereira são alguns dos obreiros deste reino, cujo sacrifício e heroísmo deriva da luz interior que têm e da exterior que os guia e os conduz à luz da glória, ajudando a preparar o terreno para a realização do Quinto Império. A prenunciar este desfile de iluminados, está o rei da luz, o sol, usado para definir o mito, que é motor de evolução, vontade e concretização, “O mesmo sol que abre

os céus/É um mito brilhante e mudo” (“Ulisses”).

Na segunda parte, Mar Português, a simbologia da luz surge muitas vezes associada a uma entidade superior que permite ver o que anteriormente estava desconhecido, “Uma ergue o facho trémulo e divino” (“Ocidente”). Neste andamento, seguindo a terminologia de Quadros (1990), há também sucessivas referências ao surgimento de claridade e de luz consoante o progresso do conhecimento, “E a orla branca foi de ilha em continente/Clareou, correndo, até ao fim do mundo” (“Infante”), “Abria em flor o Longe, e o Sul sidério/ Esplendia sobre as naus da iniciação” (“Horizonte”) e “É justa a aureola dada/ Por uma luz emprestada” (“Os Colombos”).

Não deixa de ser curioso que nesta parte surjam nove verbos associados à ideia de claridade, se se considerar que “abrir” e “desvendar” significa trazer para a luz. De facto, durante as descobertas, a ação produziu conhecimento, trouxe para a luz o que estava oculto e provocava medo, como o Mostrengo, cujos “tetos negros” assustaram os navegadores, mas que o homem do leme venceu.

No terceiro andamento, o símbolo de luz aparece envolvendo o Messias e permitirá encontrar o caminho certo, encoberto pelo Nevoeiro. A referência a este elemento é feita através do Sol, no poema “O Encoberto”, símbolo do conhecimento e da vida. Por isso o Sol é equiparado a um mito no poema “Ulisses”. Também a madrugada, no poema “Antemanhã”, A madrugada de um novo dia, representa todas as possibilidades e promessas, o renascer da esperança e recomeço do mundo, remetendo para aquilo que caracteriza o povo português. É nesta parte que a ideia de luz aparece mais vezes, num total de vinte e quatro vocábulos, destacando-se o poema “António Vieira”, o mentor do Quinto Império, o imperador da Língua Portuguesa, com oito vocábulos a remeter para a ideia de luz.

A sombra, por sua vez, predomina no segundo e terceiro andamentos, “Mar Português” e “O Encoberto”. Na parte intermédia da obra, as referências surgem vinte e três vezes, sendo que, destas, dezanove são nomes e as restantes quatro, adjetivos. Os nomes mais vezes referidos são: mistério, cerração, noite, negro e sombra. Todos estes elementos remetem para as trevas onde domina a angústia, o desespero e o desconhecido. Faz sentido, já que é nesta segunda parte que Fernando Pessoa elogia a ação dos portugueses nos Descobrimentos, inspirado no medo, na ânsia e, claro, na coragem, na luta com o Mar e com o desconhecido. O poema “Mostrengo” exemplifica bem a associação da escuridão à atmosfera de medo que envolvia os navegadores e ao desconhecido que era preciso revelar. O Mar era, portanto, um mistério a desvendar (Flórido, 1989).

A sombra aparece também na terceira parte da obra, com doze referências (nove nomes e três adjetivos), nas quais se destacam dois elementos: o nevoeiro, “Ó Portugal, hoje és nevoeiro” (“Nevoeiro”), e a sombra, associados ao Sebastianismo que percorre a obra, “Quando quiserás, voltando (...) /Da névoa e da saudade (“Terceiro”), e a noite, Isto, e o mistério de que a noite é o fausto” (“Tormenta”).

A noite simboliza um tempo de gestação, de germinação e de conspiração, sendo rica em potencialidades. É durante a noite que se preparam certas realidades que se vão manifestar de dia. A noite simboliza o desaparecimento de todos os conhecimentos distintos, analíticos. (Flórido, 1989, p. 89).

Por outro lado,

O nevoeiro é símbolo de perturbação, de confusão, de falta de clareza, o Nevoeiro precede sempre a luz. Por outras palavras: o nevoeiro é o véu que oculta aquilo que está Encoberto. É preciso, pois, que o Nevoeiro se dissipe para que o Encoberto se possa descobrir. Dissipar o nevoeiro significa encontrar o caminho certo, aquele que nos conduzirá à realização de nós próprios(...). (p. 92 e 93).

Ao longo da obra, é notório o acréscimo do número de expressões que remetem para o simbolismo de luz que, por coincidência ou não, aumenta quatro expressões de uma parte para a outra. Assim, na primeira parte existem dezasseis referências a este símbolo, enquanto que no segundo andamento existem vinte ($16+4=20$) e no terceiro capítulo a ideia de luz é referida vinte e quatro vezes ($20+4=24$). Por outro lado, dividindo o número doze pelo número da perfeição – três - obtemos quatro. Tendo em conta que o número quatro é metade de oito, o número de letras do título da obra em questão, Mensagem, e de Portugal, primeiro nome pensado para a obra e que simboliza, ainda, o infinito e harmonia, estes são dados curiosos.

Parte	Poema	Luz			Sombra				
		Expressão	Classe			Expressão	Classe		
			N	V	A			N	V
I	“Ulisses”	“O mesmo sol que abre os céus” “É um mito brilhante e mudo”	1		1				
	“Viriato”	“ Luz que precede a madrugada , /E é já o ir a haver o dia / Na antemanhã ”	4						
	“D. Dinis”					“Na noite escreve um seu Cantar de Amigo”; “...marulho obsuro ”	1		1
	“D. João, o primeiro”	“A que repele, eterna chama ”	1			“A sombra eterna.”	1		
	“D. Duarte, Rei de Portugal”	“Em dia e letra escrupuloso e fundo”	1						
	“D. Fernando, Infante de Por- tugal”	“... doirou-me / A fronte com o olhar” “E eu vou, e a luz do gládio erguido dá”	1	1					
	“D. Pedro, Regente de Portugal”	“ Claro em pensar, e claro no sentir, /E claro no querer”			3				
	“Nunõ Alva- res Pereira”	“Que auréola te cerca?”; “Ergue a luz da tua espada/ Para a estrada se ver!”	2			“Seu azul negro e brando”		1	
	“O Infante D. Henrique”	“Em seu trono entre o brilho das esferas”	1			“Com o seu manto de noite e so- lidão”	1		
	“D. João, o segundo”				“Seu formidável vulto solitário”	1			
II	“O Infante”	“Foste desvendando ” “E a orla branca foi de ilha em continente, / Clareou , correndo, até ao fim do mundo”		2	1				
	“Horizonte”	“ Abria em flor o Longe, e o Sul sidério/ Splendia sobre as naus da iniciação” “ Desvendadas a noite e a cerração”		3		“Desvendadas a noite e a cerração “ “As tormentas passadas e o misté- rio ”	3		
	“O Mostren- go”					“Na noite de breu ergueu-se a voar” “Meus tectos negros do fim do mundo? “	3		
	“Os Colom- bos”	“É justa auréola dada/ Por uma luz em- prestada.” “ Desvendamos ”	2						
	“Ocidente”	“Uma ergue o facho trémulo e divino/ E a outra afasta o véu”; “A mão que desvendou/.../ A mão que ergueu o facho que luziu ”	2	2					
	“Fernão de Magalhães”	“No vale clareia uma fogueira ”	1	1		“E sombras disformes e descom- postas / Em clarões negros do vale vão”; “Indo perder-se na escuridão ”; “Que quis cingir o materno vulto ”; “E sombras disformes e descomposta”	4		1
	“Ascensão de Vasco da Gama”	“E ao longe o rastro rugue em nuvens e clarões ” “Cai-lhe, em êxtase vê, à luz de mil trovões, / O céu abrir o abismo do Argonauta”	2	1		“...da névoa ”	1		
	“A última nau”	“Mas sua luz projecta-o, / Surges ao sol ”	2			“ Mistério ... sonho escuro / Vejo entre a cerração teu vulto baço ”; “Mis- tério em mim”; “... a névoa finda.”	3		2
	“Prece”	“Mas a chama , que a vida em nós criou”	1			“Senhor, a noite veio e a alma é vil” “O frio morto em cinzas ”	2		
III	“Quinto Imperio”	“Faça até mais rubra a brasa / Da lareira a abandonar!”; “Do dia claro ”	2		2	“Da erma noite começou”	2		
	“O Desejado”	“Que sua Luz ao mundo dividido”	1			“Onde quer que, entre sombras e dizeres”	1		
	“O Enco- berto”	“Que símbolo fecundo/ Vem na aurora ansiosa?”; “Traz o dia já visto?” “Mostra o sol já desperto?” “O céu estrela o azul”	3			“Na cruz morta e fatal/ A Rosa do Encoberto ”	1		1
	“António Vieira”	“Surge, prenúncio claro do luz ” “não é luz : é luz do eterno/ É um dia ” “A madrugada irreal do Quinto Imperio/ Doira as margens do Tejo.”	4	2	1				
	“Terceiro”	“Meus dias vácuos enche e doura ”		1		“da névoa e da saudade quando”	1		
	“Noite”					“a névoa escura ”			1
	“Tormenta”	“ relâmpago ”; “ farol de Deus”; “ brilha ”	2	1		“ noite ”; “ abismo ”; “mar escuro ”	2		1
	“Antemanhã”	“ madrugada do novo dia ”	2			“veio das trevas ”	1		
	“Nevoeiro”	“ Brilho sem luz”; “ fulgor baço”	2			“ nevoeiro ”	1		

Tabela 1 - Levantamento e distribuição por classes de palavras dos vocábulos relacionados com "luz" e "sombra" em *Mensagem*

CONCLUSÃO

Ao longo da obra é evidente como o desejo de alcançar o Quinto Império se torna mais intenso, nomeadamente na última parte, Os tempos, do terceiro andamento. Assim, tendo em conta que as expressões que remetem para o simbolismo de luz vão aumentando pode inferir-se que existe uma estreita relação entre Quinto Império e Luz.

Por outro lado, as referências à sombra surgem significativamente na segunda parte - Mar português – com vinte e três vocábulos. Simbolizam o medo e o desconhecido, assim como o ambiente necessário para ultrapassar as dificuldades e colocam em evidência a coragem e a ousadia dos portugueses, como está representado no poema O Mostrengo. Na terceira parte, os vocábulos que remetem para a ideia de sombra contribuem para a atmosfera de inquietação e para a revelação de uma agitação necessárias ao despertar da consciência adormecida. É o período em que o desejo do regresso do Salvador e o começo do Quinto Império, exige a dissipação do Nevoeiro e a coragem de cumprir a missão que está destinada ao povo português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chevalien, J., & Gheerbrant, A. (1982). Dicionário de Símbolos. Lisboa: Ed. Teorema.
- Coelho, J. do.P. (1982). Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa. Lisboa: Editora Verbo.
- Flórido, J. (1989). Fernando Pessoa Mensagem. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Hipólito, N. (2007-2010). As Mensagens da Mensagem. Obtido em 10 de Fevereiro de 2012, de <http://www.umfernandopessoa.com/livros/as-mensagens-da-mensagem-2010.pdf>.
- Houaiss, A., & Villar, M. d. (2002). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores.
- Lind, G. R. (1931). Estudos sobre Fernando Pessoa. Lisboa: Empresa Nacional Casa da Moeda.
- Pessoa, F. (1980). Textos de Crítica e Intervenção. Lisboa: Ática.
- Quadros, A. (1990). Mensagem e outros poemas afins. Publicação Europa-América.
- Veríssimo, L. (2000). Dicionário da Mensagem. Lisboa: Areal Editores.